

AS MULHERES BRANCAS E NEGRAS SOB O OLHAR DOS VIAJANTES: ALGUNS APONTAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS

Área temática: História

Amanda Dutra Hot¹

¹Mestre em História pela UFOP e professora da Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu (FACIG).

RESUMO

O século XIX foi marcado pela presença de vários viajantes que passaram pelo Brasil. Grande parte destes viajantes deixou relatos de como era a vida, o cotidiano, o trabalho e as mulheres no Brasil oitocentista. O presente texto terá como principal objetivo perceber os olhares lançados por viajantes europeus sobre a cultura, os costumes e o cotidiano das mulheres brancas e negras, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, ao longo do século XIX.

Palavras-chave: Brasil oitocentista, Mulheres, Viajantes.

ABSTRACT

The nineteenth century was marked by the presence of several travelers who passed by Brazil. Most of these travelers left accounts of what life was like, everyday life, work and women in nineteenth-century Brazil. This text will be aimed at realizing the looks launched by European travelers about the culture, customs and daily life of black and white women in Rio de Janeiro and Minas Gerais, throughout the nineteenth century.

Keywords: Nineteenth-century Brazil, Women, Travelers.

Muitos viajantes vieram ao Brasil durante o século XIX. Sob pretextos de visitas, passeios ou mesmo trabalho, foram muitos que por aqui passaram e deixaram relatos de suas viagens. Em sua maioria, trataram do cotidiano presenciado nas cidades, relacionado com o comércio, as ruas, as pessoas, bem como o cotidiano dos lares, os quais tiveram oportunidade de conhecerem, ou até mesmo de se hospedarem.

Nosso interesse no presente texto limitar-se-á ao tratamento dado pelos viajantes ao tema das mulheres no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais oitocentista.

Antes que mostremos o que esses viajantes viram ao se depararem com a sociedade brasileira, é necessário que façamos algumas observações. Primeiramente, devemos ter em mente

que a cultura, os costumes, as formas de interação social, tudo isso era muito diferente na Europa e no Brasil. Os europeus que aqui chegaram podiam até ter percebido tais diferenças, o que não significa que tenham deixado de ver nosso país com olhos de uma elite europeia. Esse olhar estrangeiro, na maioria dos relatos, mostra preconceitos de cultura e raça, e o uso constante de parâmetros europeus (de trabalho, de beleza, de comportamento) nas comparações com os brasileiros. Em segundo lugar devemos atentar para o fato de que, embora muito rica, as narrativas estrangeiras devem ser lidas com muita cautela, já que apresentam muitas generalizações acerca de alguns acontecimentos presenciados pelos viajantes. Saint-Hilaire, por exemplo, ao

conversar com um escravo que diz preferir sua atual vida, àquela que vivera na África, tira a conclusão de que “os negros não são sempre tão infelizes como se diz (...). Preocupam-se pouco com o futuro, e, quando o presente é suportável, não precisam de mais” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 53). A partir daí percebemos o quanto se faz importante uma crítica interna à literatura de viagem, para extrairmos o que nela há de mais proveitoso, sem cairmos nas armadilhas de uma visão estrangeira e, portanto, familiarizada a outras relações e instituições sociais.

Os viajantes, em sua maioria, deixaram em seus escritos, impressões superficiais sobre as mulheres brancas. Isso se deveu ao fato de terem pouco contato com as mesmas, já que se encontravam numa sociedade que tinha por costume manter as mulheres o mais afastadas possível dos homens e, principalmente, dos “forasteiros”.

Ao ser abordada pelo forasteiro, a mulher era raramente capaz de sustentar uma conversação. Reagia timidamente, ria desajeitada, ocultava-se, expressando assim, pelo menos à primeira vista, sua ignorância e inexperiência no trato social. (QUINTANEIRO, 1995, p. 42)

Esse costume de manter as mulheres afastadas era lhes passado desde pequenina, através de uma educação que considerava uma moça “recatada” como sinônimo de “direita”.

Tal educação contribuiu para a formação de mulheres um tanto quanto superficiais, segundo o viajante Smith. Aprendiam línguas, música, dança, bordado e o feitiço de doces; liam romances e nada além disso. (LEITE, 1984, p. 77)



Figura 1. O jantar no Brasil. DEBRET

Ao passar pelo Rio de Janeiro no século XIX, Gendrin percebeu as brasileiras como preguiçosas e que, de tão desocupadas, chegavam a ser cruéis com os escravos castigando-os por qualquer coisa (LEITE, 1984, p. 43). Outros viajantes, como Adèle Toussaint-Samson, diziam que as mesmas não gostavam de serem vistas trabalhando e, por isso, tudo era feito pelas mãos escravas (LEITE, 1984, p.44).

Alguns viajantes consideraram a desocupação dessas mulheres, juntamente com o sedentarismo, as poucas saídas de casa, os inúmeros partos e o casamento prematuro, como os causadores de um “envelhecimento” precoce sofrido pelas brasileiras. Casavam-se por volta dos treze, quatorze anos e já aos vinte apresentavam-se feias e não possuíam a mesma formosura dantes¹.

As mulheres negras, quando notadas a ponto de merecerem um espaço nos relatos dos viajantes, eram retratadas apenas sob os aspectos de trabalho e pela beleza física de algumas delas. Nenhuma análise mais profunda

¹ Essas informações são uma constante nas obras dos viajantes quando os mesmos descrevem as mulheres brancas brasileiras. Ver Tuckey e Conde de Suzannet. In.: LEITE, Miriam Moreira. A condição feminina no Rio de Janeiro do século XIX. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1984, p. 42-43.

era feita, ficando muitos dos relatos, apenas na esfera das descrições (SLENES, 1999).



JEAN-BAPTISTE DEBRET: O vendedor de arruda.
Litogravura do tomo III da *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*.

Figura 2. Mulheres negras

Como já foi dito anteriormente, os viajantes, tanto quanto as elites brasileiras, nutriam certo preconceito e racismo para com “as gentes de cor”. Isso impediu que os observadores estrangeiros percebessem e relatasse aspectos mais profundos da vida das negras que viviam no Brasil. Suas observações não passavam de registros sobre os trabalhos das negras. Debret e Walsh foram uns dos que citaram a presença de negras quitandeiras e lavadeiras no Rio de Janeiro, por exemplo. Essas mulheres aparecem, nas obras dos viajantes, primordialmente no âmbito do trabalho, pois o maior contato dos mesmos com elas faz-se justamente aí; quer nas casas onde se hospedavam, quer nas ruas da cidade, no comércio por onde passavam, as negras sempre estavam trabalhando e os servindo.

Andando pelas ruas das cidades, Charles Ribeyrolles, ao se deparar com uma dessas negras, consegue observar algo mais que seu trabalho: a beleza dessas mulheres.

Algumas são graciosas, pelo turbante, pelo chalé que flutua, belos dentes, olhos vivos e profundos, talhe esbelto e flexível (...). Graça, indolência, por vezes porte de

rainha, é o que se encontra nessas filhas das Minas e da Bahia. (RIBEYROLLES, 1980, p. 203)

Por vezes essa beleza citada era pejorativamente associada à promiscuidade sexual das escravas e libertas. Muitos foram os que classificaram as “mulheres de cor” como imorais. Debret foi um dos que afirmaram ser a negra e a mulata muito sensuais.

Parece fácil para um estrangeiro tirar essas conclusões a respeito da moralidade das negras, já que para os mesmos era o padrão europeu de conduta que estava em comparação. Iam ainda mais longe quando afirmavam que era o modo de comportamento dessas mulheres que dificultava a formação das famílias.

Sabemos que todas as visões que classificam de imorais e promíscuos os escravos no Brasil já caíram por terra. Muitas vezes não eram as negras as pervertidas, mas sim os brancos. Foram muitas as negras que aqui chegaram sem menos malícia, sendo “corrompidas” por brancos (FREYRE, 1950). Mas não façamos generalizações, não repitamos os erros antes cometidos pelos viajantes.

Dado o exposto, percebemos que, embora os viajantes tenham deixado um grande e rico acervo que nos leva a conhecer um pouco o cotidiano das mulheres que viveram em Minas Gerais e no Rio de Janeiro no século XIX, não podemos nos omitir frente a estes escritos. Devemos perceber que os relatos revelam muito mais sobre o pensamento da época e seus preconceitos do que a realidade em si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREYRE, Gilberto. **A influência do escravo negro na vida e família do brasileiro**. In.: _____. *Casa-Grande &*

Senzala. 6ª edição. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1950.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da viagem**: escravos e libertos em Minas gerais no século XIX. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

LEITE, Miriam Moreira. **A condição feminina no Rio de Janeiro do século XIX**. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1984.

QUINTANEIRO, Tania. **Retratos de mulher**. O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeros do século XIX. Petrópolis: Vozes, 1995.

RIBEYROLLES, Charles. **Viagem pitoresca ao Brasil**. Tradução Gastão Penalva. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. 1779 – 1853. Tradução Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1975.

SLENES, Robert. **Na senzala, uma flor**: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.